

Sobre o expletivo *ele* em português europeu

Ernestina Carrilho

Faculdade de Letras, Centro de Linguística da Universidade de Lisboa (Portugal)

e.carrilho@clul.ul.pt

Recibido o 10/09/2008. Aceptado o 1/10/ 2008

On expletive *ele* in European Portuguese

Resumo

Este texto discute o estatuto sintáctico do expletivo *ele* em português europeu (PE). Tradicionalmente, as ocorrências de *ele* expletivo, notadas em variedades não-padrão de PE, têm sido analisadas como manifestações do sujeito em construções impessoais (em exemplos como *Ele há cada uma!*), inesperadas, no entanto, numa língua de sujeito nulo como o PE. Pontualmente, têm sido sugeridas análises alternativas que relacionam este elemento com posições estruturais diferentes da posição de sujeito, mais especificamente situadas no domínio da periferia esquerda da estrutura frásica. O presente trabalho visa contribuir para a caracterização do expletivo *ele* em PE, centrando-se na descrição das propriedades sintáticas e dos efeitos discursivos das construções que envolvem este expletivo num corpus de variedades dialectais de PE, em parte resumindo a investigação desenvolvida em Carrilho (2005). A evidência empírica assim cotejada apoia as análises que distinguem *ele* expletivo de um sujeito impessoal, motivando uma proposta de análise que relaciona este elemento com a codificação na sintaxe de aspectos discursivos particulares, associados a manifestações de força ilocutória.

Palabras chave

Sintaxe, discurso, português dialectal, sujeito nulo, força ilocutória, expletivo

Sumario

1. Sobre sujeitos expletivos e expletivos não-sujeito. 1.1. Expletivos e sujeitos nulos. 1.2. Expletivos para além da posição de sujeito frásico. 1.3. Expletivos realizados visivelmente em (variedades de) português europeu. 2. O expletivo *ele* no Corpus Dialectal para o Estudo da Sintaxe (CORDIAL-SIN). 2.1. O corpus. 2.2. Distribuição sintáctica de *ele* expletivo. 2.3. Efeitos discursivos em construções com o expletivo. 3. O expletivo *ele* em PE: entre sintaxe e discurso.

Abstract

This paper examines the syntactic status of expletive *ele* in European Portuguese (EP). This expletive, which can be found in EP non-standard varieties, has traditionally been analyzed as an instance of the subject in impersonal constructions (in examples like *Ele há cada uma!* 'There are such things!'), in sharp contrast to what is expected in a null subject language. Occasionally, alternative analyses have suggested a particular connection between this kind of expletive element and the structural space beyond the subject position, more specifically the left periphery of the sentence structure. The present study aims at elucidating the status of expletive *ele* in EP, on the basis of the syntactic properties and the discourse effects displayed by expletive constructions in a corpus of EP dialects, summarizing part of the research developed in Carrilho (2005). Such empirical evidence favors an analysis of expletive *ele* as a non-subject element, further motivating the proposal that this expletive relates to the codification of specific discourse features, especially in connection with illocutionary force.

Keywords

Syntax, discourse, Portuguese dialects, null subject, illocutionary force, expletive

Contents

1. On expletive subjects and non-subject expletives. 1.1. Expletives and null subjects. 1.2. Expletives beyond the subject position. 1.3. Overt expletives in (varieties of) European Portuguese. 2. Expletive *ele* in the Syntax-Oriented Corpus of Portuguese Dialects (CORDIAL-SIN). 2.1. The corpus. 2.2. Syntactic distribution of expletive *ele*. 2.3. Discourse effects in expletive constructions. 3. Expletive *ele* in EP: from syntax to discourse.

1. SOBRE SUJEITOS EXPLETIVOS E EXPLETIVOS NÃO-SUJEITO

1.1. Expletivos e sujeitos nulos

Entre as propriedades características das línguas que permitem a não-realização visível do sujeito de uma oração finita, habitualmente designadas por línguas de sujeito nulo, conta-se a ausência de sujeitos expletivos visíveis. Assim, o PE, como outras línguas de sujeito nulo (por exemplo, o italiano), manifesta esta combinação de propriedades, ilustrada pelos exemplos (1) a (4). Em (1) e (2) são apresentados exemplos portugueses e italianos, respectivamente, da possibilidade de omissão de um sujeito referencial, com interpretação argumental atribuída pelo verbo:

- (1) (O Luís/ele) não come carne.
- (2) (Luigi/lui) non mangia carne.

Os exemplos (3) e (4) representam diferentes tipos de construções impessoais, nas quais a posição de sujeito, que não recebe nestes casos interpretação argumental, é normalmente não visível:

- (3) a. [-] Chove muito.
b. [-] É verdade que ele não come carne.
c. [-] Chegou um homem.
- (4) a. [-] Piove molto.
b. [-] È vero che lui non mangia carne.
c. [-] È arrivato un uomo.

Trata-se de construções que envolvem predicados de significado natural –como um verbo meteorológico em (3a) e (4a)–, extraposição de um sujeito oracional –exemplos (3b) e (4b)– ou construções apresentativas como (3c) e (4c), igualmente consideradas impessoais –veja-se Perlmutter (1983). Todas estas construções apresentam a posição de sujeito obrigatoriamente preenchida por um pronome expletivo –como nos exemplos (5)– em línguas que, como o inglês, não permitem sujeitos argumentais nulos –veja-se o exemplo (6):

- (5) a. *(It) rains a lot.
b. *(It) is true that he does not eat meat.
c. *(There) arrived a man.
- (6) *(John/he) does not eat meat.

Os sujeitos expletivos (como *it* e *there* nos exemplos acima) têm assim sido considerados uma manifestação *pura* da sintaxe das línguas naturais, correspondendo a um mecanismo estritamente gramatical, desprovido de referência e não argumental¹.

Nas línguas naturais, esta não parece ser, no entanto, uma opção tipologicamente muito representada. Se tivermos em conta a generalização empírica referida no início desta secção, segundo a qual existe uma correlação entre propriedades de língua de sujeito nulo e ausência de sujeitos expletivos visíveis (Rizzi 1982, Burzio 1986, Gilligan 1987, entre outros), e se, por outro lado, atendermos à constatação de que apenas uma ínfima parte das línguas do mundo apresenta características de língua de sujeito não-nulo (Gilligan 1987), temos de admitir que os sujeitos expletivos não são visivelmente representados na maioria das línguas naturais.

¹ A ocorrência destes elementos expletivos em línguas de sujeito não-nulo do tipo do inglês tem sido tomada como evidência da natureza universal da posição sintáctica de sujeito frásico, postulada sob a forma de *Princípio da Projecção Alargado* na teoria sintáctica generativa conhecida como modelo de Princípios e Parâmetros (Chomsky 1981 e trabalhos posteriores).

Acresce ainda o facto de nem todas as línguas de sujeito (referencial) não-nulo manifestarem de forma visível os sujeitos expletivos, como é, por exemplo, o caso do alemão ou do islandês (Platzack 1996, entre outros). Ou seja, a correlação entre sujeito não-nulo e expletivo visível não é universal, ao contrário do que acontece entre sujeitos nulos e ausência de expletivos.

1.2. Expletivos para além da posição de sujeito frásico

Algumas línguas naturais, como o islandês ou o finlandês, apresentam, no entanto, evidência para a existência de elementos expletivos para além da posição estrutural de sujeito frásico. Trata-se em geral de elementos que partilham as características dos sujeitos expletivos, nomeadamente a natureza não-referencial e não-argumental e a forma pronominal. Ocorrendo, no entanto, em línguas nas quais os sujeitos de tipo expletivo não são normalmente realizados visivelmente, estes expletivos têm sido analisados como elementos que tornam visível uma posição estrutural diferente do sujeito, ainda assim em correlação com requisitos de natureza estrutural.

Assim, o expletivo *pað* em islandês é tratado em algumas análises (como em Platzack 1998, entre outros) como um elemento gramatical que satisfaz requisitos estruturais de posicionamento do verbo em segundo lugar (V2) nesta língua escandinava. Este expletivo surge assim sempre periférico ao sujeito frásico, na primeira posição da frase. Note-se o contraste entre os exemplos (7) e (8) (Platzack 1998: 86): o expletivo *pað* não pode ocorrer na posição de sujeito, alegadamente a posição a seguir ao verbo flexionado *hafa*, surgindo antes limitado à posição inicial, quando esta não é preenchida por outro elemento *-í dag* em (8).

- (7) *Pað hafa [-] komið margir málvísindamenn hingað í dag.*
EXPL têm vindo muitos linguistas aqui hoje
- (8) *Í dag hafa (*Pað) komið margir málvísindamenn hingað.*
hoje têm EXPL vindo muitos linguistas aqui

Numa língua como o finlandês, que não manifesta requisitos de V2 e que revela características de língua de sujeito nulo, entre elas a ausência de sujeitos expletivos em construções impessoais, a presença do elemento expletivo *sitä*, em frases como (9), tem sido associada a outro tipo de requisitos estruturais (exemplos de Holmberg e Nikanne 2002).

- (9) *sitä leikkii lapsia kadulla.*
EXPL brincam crianças na.rua

Sendo o finlandês uma língua de proeminência do tópico frásico², o expletivo *sitä* é analisado como um elemento que satisfaz um requisito de preenchimento da posição de tópico, quando na frase não existe um elemento pressuposto que a possa ocupar (Holmberg e Nikanne 2002): uma frase como (10) seria excluída pela ausência de tal elemento.

- (10) **leikkii lapsia kadulla.*
brincam crianças na.rua

Em (11) e (12), a presença de, respectivamente, *tänään* e *Tromssassa*, interpretáveis como tópicos, constitui uma alternativa à presença do expletivo *sitä*.

- (11) *Tänään leikkii lapsia kadulla.*
hoje brincam crianças na.rua

² Ou seja, uma língua na qual a estrutura sintáctica das frases reflecte uma organização de tipo tópico-comentário (veja-se, a propósito, Li e Thompson 1976 e Kiss 1995).

- (12) Tromssassa leikkii lapsia kadulla.
em.Tromsø brincam crianças na.rua

Os expletivos *sitä* em finlandês e *það* em islandês podem pois ser tomados como testemunhos da ocorrência de elementos de tipo expletivo em posições da estrutura frásica que se situam para além da posição de sujeito.

1.3. Expletivos realizados visivelmente em (variedades de) português europeu

Como já referido, os sujeitos de tipo expletivo não têm normalmente realização visível em PE (vejam-se os exemplos (3) acima). No entanto, ocorre por vezes nesta língua um elemento que, pela forma (*ele*) e pelos contextos em que surge, evoca os sujeitos expletivos de línguas como o inglês³:

- (13) Afinal o que importa não é ser novo e galante / - *ele há tanta maneira de compor uma estante!*
(Mário Cesariny 1991: 15)
- (14) Elas acudiam com números de telefone: *ele* era para a ama que tinha ficado com o filho, *ele* era para a mãe, *ele* era «para uma grande amiga que é como se fosse minha irmã». (Alçada Baptista 1985: 158)

Como muitos sujeitos expletivos, *ele* assume a forma de um pronome pessoal de terceira pessoa do singular, neste caso masculino, numa manifestação casual compatível com a posição de sujeito (nominativo)⁴. Não apresenta, no entanto, uma interpretação referencial. As construções em que é notado são normalmente impessoais, envolvendo uma posição de sujeito não-argumental.

Assim, este elemento tem sido normalmente entendido como um sujeito expletivo visível, comparável a *it* ou *there* do inglês (Vasconcellos 1901, Dias 1918, Cunha e Cintra 1984, Raposo 1992, Vilela 1995, Duarte e Matos 1984, Mateus et al. 2003, entre outros). O expletivo tem além disso sido caracterizado como próprio de variedades não-padrão do português: registos familiares (Said Ali 1927) ou informais (Dias 1918), variedades populares ou “popularizantes” (Vasconcellos 1901, Cunha e Cintra 1984, Vilela 1995), dialectos arcaizantes ou mais conservadores (Mateus et al. 2003). Com efeito, apesar de exemplos como os de (13) e (14) serem relativamente tolerados em situações de uso da variedade padrão – como em textos literários (o caso dos exemplos acima) ou nos meios de comunicação social –, a presença do expletivo parece envolver sempre um valor expressivo adicional, estilisticamente marcado, por isso mais frequente em situações de comunicação menos formais.

É verdade que a ocorrência do expletivo *ele* em variedades próximas do padrão parece limitada a contextos de posição de sujeito não-argumental –normalmente em frases exclamativas ou em enumerações enfáticas como a de (14). Existem, contudo, diferenças cruciais entre os sujeitos expletivos das línguas de sujeito não-nulo e o expletivo *ele*: enquanto aqueles são obrigatórios, este é opcional; enquanto aqueles são totalmente desprovidos de conteúdo semântico, este parece contribuir semanticamente, não propriamente para o conteúdo proposicional, mas para o valor expressivo da frase em que ocorre. Se, além disso, tivermos em conta a raridade dos sujeitos expletivos nas línguas naturais e a generalizada ausência destes expletivos em línguas de sujeito nulo, não podemos negar a estranheza de uma análise de *ele* expletivo como sujeito em PE –estranheza que já ecoa na sugestão de Uriagereka (1992 e 1995:

³ Nestes contextos, podem também ocorrer os demonstrativos neutros *isto*, *isso* e *aquilo*. Note-se que esta é uma possibilidade também manifestada por línguas de sujeito não-nulo, nas quais os sujeitos expletivos podem por vezes ser realizados por demonstrativos (como, por exemplo, no francês *ça pleut beaucoup*).

⁴ A terceira pessoa apresenta em geral, no sistema pronominal do português, uma distinção bipartida quanto a género (masculino / feminino). Não está por isso disponível uma forma de neutro que possa ser usada como pronome expletivo (diferentemente do que acontece com o inglês *it*).

168, tradução minha): “[...] não estou convencido de que o expletivo que temos em francês seja do mesmo tipo daquele que ocorre nos dialectos [ibéricos, EC] arcaicos [português, galego e leonês, EC], sendo o francês uma consequência da impossibilidade de sujeito nulo”.

Há também que ter em conta que o expletivo português não surge isolado no quadro das línguas de sujeito nulo: entre as línguas românicas, pelo menos, existem, em variedades não-padrão, outros casos de realização de um pronome de tipo expletivo, visível em contextos de construção impessoal e, muitas vezes, para além desse contexto – veja-se Henríquez Ureña (1939), entre outros. Para além do leonês e do galego, referidos por Uriagereka (1992, 1995), também o espanhol e o catalão apresentam este tipo de evidência.

Em algumas variedades do espanhol americano, como o dominicano, um exemplo como (15), no qual o expletivo *ello* surge em construção impessoal, coexiste com (16), exemplo no qual *ello* co-ocorre com um sujeito argumental.

- (15) *Ello* hay dulce de ajonjolí?
 (16) - *Ello*, yo le diré; yo soy... santiaguero.

Investigações recentes referem *ello* como um elemento discursivo dependente da situação comunicativa, diferente de um sujeito expletivo (Hinzelin e Kaiser 2007).

Em galego, as ocorrências do expletivo *el*, próprio de estilos conservadores e minoritários (Álvarez Blanco 2001: 29), também se distribuem por contextos que vão para além de construções impessoais, como foi detalhadamente ilustrado por Álvarez Blanco (2001 e 2002):

- (17) *El* chovía miudiño.
 (18) ¿*El* tendes por aí un martelo que me poidades emprestar?
 (19) ¿*Xa* te mollaches, *el* si?
 (20) ¡*El* tamém son ben caras! [as sardiñas]

Também no caso do galego, pelo menos numa parte considerável dos enunciados que incluem *el*, este expletivo parece associado a condições discursivas particulares:

A primitiva forma pronominal converteuse nunha forma adverbial [...], con capacidade para desempeñar un amplo abano de funcións, coma as de conector textual [...], marca de modalidade oracional –de maneira singular na modalidade interrogativa, mais tamén na exclamativa– ou modalizador que transmite a posición do locutor do comunicado; marcador de función informativa, ben na tematización, ben na focalización; ou apoio cunha función fática (Álvarez Blanco 2001: 28-29).

Kaiser (2006) corrobora esta ideia, aproximando, pelas funções discursivas, o expletivo galego do já mencionado expletivo *ello* do espanhol dominicano.

Finalmente, podemos ainda referir o expletivo *ell*, que ocorre em variedades baleares do catalão. Apesar de também poder surgir em contextos impessoais, este elemento parece mais adequadamente caracterizável como uma “partícula exclamativa” com valor enfático (Alcover e Moll 1951, Veny 1999, Solà et al. 2002, entre outros) –a presença de *ell* encontra-se limitada a contextos de introdução de frases exclamativas, servindo para “aumentar a força expressiva” de tais frases (Veny 1999).

- (21) *Ell* ha de ploure un dia o altre!
 (22) *Ell* aixó no acaba mai!

Ora, se é verdade que, em PE, em usos próximos do padrão, o expletivo *ele* aparece actualmente limitado a contextos de sujeito de construção impessoal (e, tal como no catalão, a frases de valor expressivo), é também sabido que, noutras variedades de PE, existem manifestações do expletivo para além deste contexto. Silva-Villar (1998) destaca a co-ocorrência, em português como noutras línguas românicas de sujeito nulo, do expletivo e de um sujeito argumental em posição pré-verbal, como nos seguintes exemplos de Vasconcellos (1928: 222):

- (23) *Ele* aqueles campos estão bem cultivados.
 (24) *Ele* os lobos andam com fome.

No desenvolvimento deste artigo, como mais extensamente apresentado em Carrilho (2005), veremos como o expletivo *ele* pode surgir, em variedades dialectais do PE, num leque muito mais abrangente de contextos, reforçando-se assim a ideia de que, em português, este elemento não é adequadamente descrito como um sujeito expletivo visível.

2. O EXPLETIVO *ELE* NO CORPUS DIALECTAL PARA O ESTUDO DA SINTAXE (CORDIAL-SIN)

2.1. O corpus

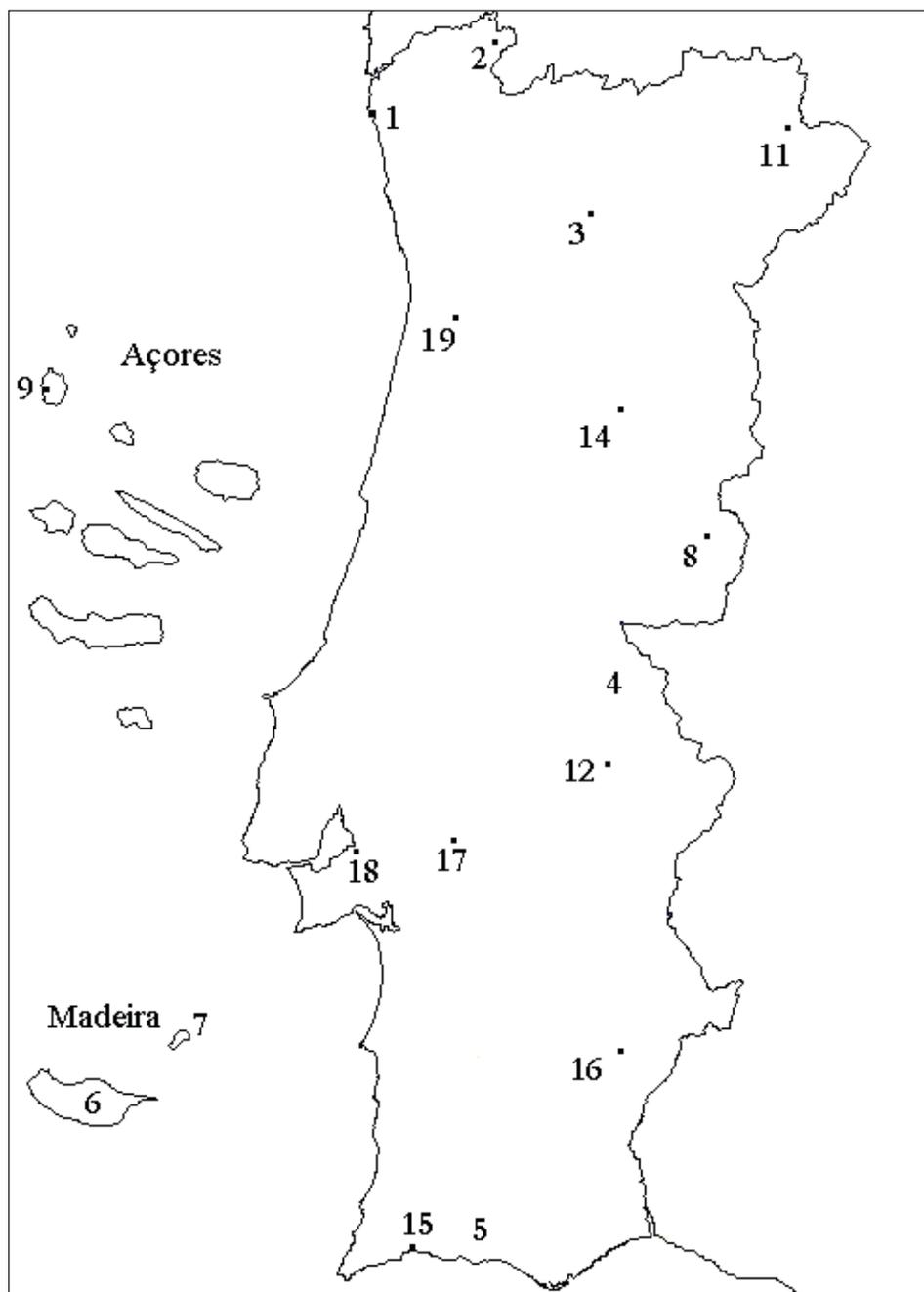
A investigação aqui apresentada incide sobre dados de variedades não-padrão de PE representadas no *Corpus Dialectal para o Estudo da Sintaxe* (CORDIAL-SIN), constituído por transcrições de excertos de fala espontânea ou semi-dirigida, gravada em situação de inquérito dialectal⁵. Os dados considerados correspondem a um estado de desenvolvimento parcial do CORDIAL-SIN, integrando materiais de 17 localidades, distribuídas por Portugal continental, Açores e Madeira, num total de 200.000 palavras⁶.

Dada a natureza destes materiais, a fala representada é característica de falantes rurais, pouco escolarizados ou analfabetos, idosos, naturais e residentes nas localidades contempladas. Os inquéritos foram realizados entre 1974 e 1997, com maior incidência na década de 90.

Código	Localidade	Código	Localidade
1	VPA Vila Praia de Âncora (Viana do Castelo)	11	OUT Outeiro (Bragança)
2	CTL Castro Laboreiro (Viana do Castelo)	12	CBV Cabeço de Vide (Portalegre)
3	PFT Perafita (Vila Real)	14	FIG Figueiró da Serra (Guarda)
4	AAL Castelo de Vide, Porto da Espada, São Salvador de Aramenha, Sapeira, Alpalhão, Nisa (Portalegre)	15	ALV Alvor (Faro)
5	PAL Porches, Alte (Faro)	16	SRP Serpa (Beja)
6	CLC Câmara de Lobos, Caniçal (Funchal)	17	LVR Lavre (Évora)
7	PST Camacha, Tanque (Funchal)	18	ALC Alcochete (Setúbal)
8	MST Monsanto (Castelo Branco)	19	COV Covo (Aveiro)
9	FLF Fajãzinha (Horta)		

⁵ Estes inquéritos foram realizados no âmbito dos projectos de geografia linguística desenvolvidos pelo grupo de Variação do Centro de Linguística da Universidade de Lisboa.

⁶ O CORDIAL-SIN, constituído entre 1998 e 2007, é actualmente um corpus de cerca de 600.000 palavras, representando 42 localidades ou áreas de inquérito. O alargamento da investigação sobre o expletivo *ele* à totalidade do corpus é trabalho ainda em desenvolvimento.



Distribuição geográfica dos pontos do CORDIAL-SIN investigados

No corpus analisado, as ocorrências de *ele* expletivo são significativas, apesar de ocasionais: o total considerado ascende a 298 ocorrências, sem assimetrias notáveis na distribuição geográfica. Trata-se, sem dúvida, de um fenómeno opcional nas variedades populares representadas no corpus, muito diferente da manifestação visível obrigatória de um sujeito expletivo em línguas como o inglês. Note-se, aliás, que num mesmo enunciado podemos encontrar um verbo impessoal, como *haver*, combinado ou não com *ele* expletivo:

(25) É a estrela-da-manhã (...) e há a estrela... Bom, *ele* há várias estrelas, não é? (AAL92⁷)

Se, por exemplo, tomarmos como referência uma das zonas nas quais existe, no corpus observado, um maior número de ocorrências do expletivo *ele* em construções existenciais com o verbo *haver* (AAL), constatamos que apenas 6 % das manifestações deste verbo vêm acompanhadas do expletivo *ele* (correspondendo a 8 casos em 137).

Para além de evidenciar a natureza por assim dizer facultativa do expletivo em PE, o conjunto dos dados analisados revela também, de modo significativo, que este elemento não se encontra confinado a contextos de sujeito impessoal nas variedades portuguesas. Consideraremos em seguida os diversos contextos que, neste corpus, incluem *ele* expletivo.

2.2. Distribuição sintáctica de *ele* expletivo

2.2.1. Posição pré-verbal em construções impessoais

Começando precisamente pelos contextos impessoais, verificamos que *ele* surge em diferentes tipos de construções que podem envolver um sujeito de tipo expletivo:

- com diferentes predicados semanticamente impessoais (verbos meteorológicos e outros verbos com referência a fenómenos naturais, como tempo, lugar ou distância; verbos existenciais, como *haver* – veja-se acima o exemplo (25); usos impessoais do verbo *ser*; e ainda outros verbos usados impessoalmente):

(26) Ah, se chover era melhor, mas *ele* não chove amanhã. (MST11)

(27) *Ele* podia ser aí (...) uns trezentos metros da minha [casa]. (Cov23)

(28) A gente cá, eles empregam cá outro nome disto. [...] *Ele* não é carochas. (ALC42)

(29) [...] *ele* falta-me aqui umas peças do tear, quero saber onde estão. (MST16)

- em construções de tipo apresentativo, com ocorrência pós-verbal do argumento que poderia ocupar a posição de sujeito pré-verbal (*os rapazes e as raparigas e o cortiço*, nos seguintes exemplos):

(30) *Ele* lá vinham os rapazes e as raparigas [...]. (OUT14)

(31) *Ele* estava o cortiço cheio de abelhas [...]. (Cov37)

É ainda de referir a ocorrência provável do expletivo *ele* num exemplo de extraposição de sujeito oracional (*é raro quando se vê*), outro dos contextos de sujeito de natureza expletiva (por vezes também tratado como elemento catafórico, em associação com a oração extraposta – que seria, neste exemplo dialectal, a relativa livre *quando se vê*)⁸:

(32) Mas não quer dizer que não haja [desse peixe] mas (*ele*) /é\ é raro quando se vê⁹. (ALV23)

⁷ Os exemplos provenientes do CORDIAL-SIN são identificados por um código correspondente à sigla de localidade (veja-se acima, lista de localidades consideradas) acrescida de dois dígitos identificadores do texto no qual ocorrem.

⁸ As construções de extraposição de sujeito oracional são relativamente raras no corpus analisado, o que pode explicar a escassez de ocorrências do expletivo neste contexto: na verdade, trata-se de um exemplo único.

⁹ Os parênteses assinalam que a ocorrência do expletivo é duvidosa, correspondendo neste caso a uma das possibilidades da transcrição, preferida em relação à alternativa marcada entre barras (/é\).

Encontramos também o expletivo em formas não-padrão de orações relativas de sujeito. Tal como nos exemplos anteriores, este expletivo, que precede uma forma verbal flexionada, poderia ser entendido como um elemento na posição de sujeito frásico:

- (33) É aquelas correias grandes que *ele* nasce nas pedras. (ALV46)

A existência de um sujeito expletivo é na verdade compatível com uma análise destas relativas que envolva extracção do relativo a partir da sua posição temática, como argumento do verbo, e não da posição de sujeito da frase (análise que encontramos, por exemplo, em Rizzi (1982) para o italiano e em Taraldsen (2002) para o francês e para o *vallader*, uma variedade reto-românica).

A frequência destas relativas não é no entanto muito significativa no corpus analisado. O grupo de construções em que o expletivo *ele* é mais frequentemente compatível com a posição de sujeito envolve os diferentes tipos de predicados semanticamente impessoais (que correspondem a 75% do total de 115 ocorrências de expletivo nos contextos de sujeito impessoal aqui apresentados).

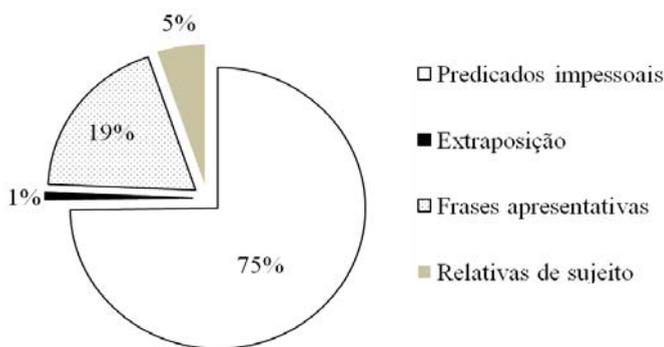


Gráfico 1. Distribuição do expletivo *ele* em contextos impessoais

2.2.2. Posições periféricas

Nestas construções impessoais, o expletivo não parece, no entanto, confinado à posição estrutural de sujeito frásico. A acompanhar predicados impessoais, por exemplo, *ele* expletivo pode surgir numa posição mais periférica, à esquerda, precedendo outros elementos em posição pré-verbal, como o adverbial *ainda hoje* no exemplo (34) ou o objecto topicalizado *a fome*, no exemplo (35):

- (34) Que *ele*, ainda hoje, há essa tradição, cá. (AAL20)

- (35) Haver... *Ele* a fome não havia! (VPA06)

Tais ocorrências, só por si, põem em causa a análise tradicional do expletivo *ele* como sujeito. Se analisado como sujeito expletivo, *ele* teria de mover-se, nestes casos, para a periferia esquerda, de forma a originar os enunciados (34) e (35). No entanto, a motivação para tal movimento não parece evidente: um elemento não-referencial como *ele* dificilmente cumpriria os requisitos semântica ou discursivamente relevantes que habitualmente motivam o movimento de constituintes para a periferia esquerda da frase.

Existe, além disso, outro tipo de evidência que contraria a hipótese de *ele* ser sujeito expletivo, como já mencionado acima –vejam-se os exemplos (23) e (24): também no corpus observado, um número considerável de exemplos apresenta este elemento em co-ocorrência

com um sujeito argumental em posição pré-verbal, posição que se esperaria disponível para o expletivo.

- (36) *Ele* (a) folha do pinheiro é em bico. (ALC19)
 (37) Que *ele* eu gosto de socorrer (...) as pessoas, homem! (Cov23)
 (38) Mas *ele* o nosso governo não protege nada a agricultura. (Cov14)

O expletivo, à esquerda de um sujeito pré-verbal, revela-se assim numa posição mais periférica na estrutura frásica.

A par destes exemplos que envolvem um sujeito argumental em posição pré-verbal, ocorrem também exemplos de expletivo em frases de sujeito argumental nulo:

- (39) *Ele* boto-lhe assim a água ao meu. (Mst35)
 (40) *Ele* voltámos lá todos a ver [...] (Cov32)
 (41) [...] esses não morreram. *Ele* escaparam. (Cov32)

É de notar que, tal como acontece em construções com predicados impessoais, o expletivo pode também preceder constituintes que ocorrem à esquerda do sujeito pré-verbal:

- (42) *Ele* antigamente, (...) estes coisos aqui, (...) estes coisos que eles fazem aqui, esta 'chupa', era de fazer o covato mais pequenino. (ALC03)
 (43) Agora tu, *ele* qualquer dia o lobo vem e... (CTL13)
 (44) Tu sabes bem que *ele* em Paçô eles viram para aquele lado e a gente encaminhava logo para este lado. (Cov28)

Ou seja, *ele* expletivo surge em posição periférica a elementos eles próprios periféricos na estrutura frásica:

➤ advérbios e outros constituintes de natureza adverbial, como nos exemplos (42) a (44) e também nos seguintes exemplos, que envolvem subordinação adverbial:

- (45) Ah, isso é o trigo, que *ele* quando se quer tirar a sêmea, que se quer o trigo melhor, peneira-se duas vezes e depois amassa-se a sêmea à parte. (OUT25)
 (46) A gente pegou, dá-lhe até uma molhadela para que fique molinho, mas *ele*, estando eles bons, não precisam. (OUT55)

➤ diferentes tipos de tópicos marcados –constituintes deslocados por topicalização, como em (47) ou (35) acima, ou deslocamentos de tópicos pendentes, como no exemplo (48):

- (47) *Ele* isso aqui a gente chamava um (...) ... Não era gancho, era... Parece que era o pernil que a gente chamava a isto. (ALC30)
 (48) Olhe que aquilo no livro! E *ele* eu, o homem leu aquilo diante de mim! (Cov18)

➤ constituintes de natureza afectiva (Raposo 1995) deslocados à esquerda:

- (49) Que *ele* até com um pau se malha. (Mst37)

➤ constituintes interrogativos:

- (50) Não sendo no Natal, (*ele*) quem é que os come?! Ninguém. (OUT50)

➤ o constituinte inicial em construções de clivagem:

- (51) *Ele* quem se casa são eles! (Cov13)
 (52) *Ele* depois de vir do lago é que se amaçava. (FLF17)

Este tipo de exemplos, reveladores da posição mais periférica do expletivo, surge com frequência significativa no corpus observado, num total de 141 casos no conjunto de 298 construções com o expletivo.

<i>Posição periférica a...</i>	<i>Total</i>
Sujeito	85
Adverbial	34
Outros constituintes periféricos	22
TOTAL	141

Quadro 1. Distribuição do expletivo *ele* em posições periféricas (I)

A este grupo podemos ainda acrescentar uma série de contextos mais esporadicamente representados, nos quais a posição do expletivo pode igualmente ser analisada como periférica:

➤ em frase imperativa:

- (53) Informante 1: Quer passar por lá (para ver)?
Informante 2: *Ele* vamos embora! (FIG27)

➤ em resposta negativa a interrogativa total:

- (54) Inquiridor: Mas lá para cima para onde? Para Montes de Alvor?
Informante: *Ele* não. Da parte (...) da praça que chamam a praça de Alvor [...] (ALV01)

➤ em interrogativa-tag:

- (55) Mas esse já conhecem, *ele* já? (OUT40)

➤ a introduzir sintagmas com alguma independência (por exemplo, apositivos ou parentéticos):

- (56) E depois (...) começou como ontem a nevar e a saraivar e a chover, e a mulherzinha, coitada, (...) – *ele* roupinhas fracas! – veio por aí fora, chegou aqui acima arreganhou. (Cov22)

➤ isolado, precedido de interjeição:

- (57) Isto aqui é uma... Ai, *ele*! Eu 'desqueceu-me' o nome disso. (ALC03)

O quadro 2 apresenta os totais de ocorrência do expletivo nestes diferentes tipos de contexto:

<i>Tipo de construção</i>	<i>Total</i>
Imperativa	2
Resposta negativa	1
Interrogativa-tag	1
Sintagma independente	17
Com interjeição	1
TOTAL	22

Quadro 2. Distribuição do expletivo *ele* em posições periféricas (II)

Este grupo de construções, apesar de menos representado no conjunto dos contextos que envolvem a periferia da frase¹⁰, reforça a ideia de que o expletivo *ele* não ocupa a posição de sujeito frásico, uma vez que ocorre em domínios que podem não apresentar um sujeito visível. De qualquer modo, permite ampliar um tipo de distribuição sintáctica identificador do expletivo *ele* como um elemento da periferia esquerda da estrutura frásica. Assim, o posicionamento visivelmente periférico (em diversos tipos de construções) surge como predominante na distribuição do expletivo (163 exemplos, correspondendo a 55% do total de 298).

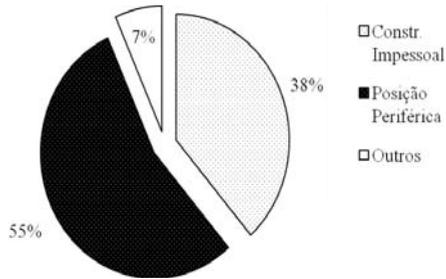


Gráfico 2. Distribuição sintáctica do expletivo *ele* nos dados do CORDIAL-SIN considerados

Convém ainda notar que este tipo de distribuição sintáctica pode na verdade generalizar-se à quase totalidade das ocorrências do expletivo (salvo os 7% representados no gráfico acima, relativos a outros contextos, dos quais nos ocuparemos na secção 2.2.3). Parece, com efeito, legítimo conjecturar que o expletivo *ele* ocupa uma posição na periferia esquerda da frase mesmo em contextos de aparente posição de sujeito em construção impessoal (como já notado por Álvarez Blanco 2001 e Uriagereka 2004¹¹). Assim, em frases como (26) acima, aqui parcialmente repetida como (58), a posição do expletivo poderia ser equiparada àquela que *ele* ocupa numa frase como (40), de sujeito argumental nulo, repetida como (59).

(58) [...] *ele* [_{SUB}-] não chove amanhã. (MST11)

(59) *Ele* [_{SUB}-] voltámos lá todos a ver [...] (Cov32)

Um efeito desejável desta aproximação seria a uniformidade de tratamento que se poderia também estender a exemplos como (35), repetido como (60):

(60) Haver... *Ele* a fome [_{SUB}-] não havia! (VPA06)

Os sujeitos expletivos seriam então sempre não visíveis, em qualquer variedade de PE, em conformidade com a conhecida generalização característica das línguas de sujeito nulo. Como consequência, também o estatuto do expletivo *ele* parece clarificado, pelo menos quanto à distribuição sintáctica que apresenta, generalizável a uma posição na periferia esquerda da estrutura frásica.

¹⁰ As diferenças na frequência do expletivo nestes últimos tipos de construção não são tomadas como significativas, já que podem simplesmente dever-se a diferenças de frequência das respectivas construções nos dados considerados. Dadas as características do corpus, compreende-se que, por exemplo, frases imperativas ou interrogativas-tag não sejam muito frequentes. A partir de outras fontes de dados dialectais, como o conjunto de monografias dialectais considerado em Carrilho e Lobo (1999), ou mesmo pela observação naturalística de dados dialectais actuais, é possível verificar a vitalidade do expletivo em pelo menos alguns destes contextos (como as respostas negativas a interrogativas totais).

¹¹ Mais precisamente, estes autores chamam a atenção para a possibilidade de uma frase do tipo de (58) ser lida como *ele (é certo que) não chove amanhã*. Uma das implicações desta leitura é, como mencionado, a exclusão do expletivo da posição de sujeito do verbo meteorológico.

Falta, no entanto, considerar outro tipo de contextos, associados acima, no último gráfico, a 7% das ocorrências do expletivo *ele*.

2.2.3. Outros contextos

No corpus considerado, as restantes ocorrências deste elemento expletivo, ainda que pouco numerosas (num total de 20 casos), permitem identificar um novo tipo de distribuição sintáctica. O denominador comum dos contextos aqui reunidos parece ser a posição pós-verbal do expletivo:

- (61) Seja *ele* trigo ou cevada ou aveia. (PAL22)
 (62) Eu tinha (*ele*) um irmão, que trabalha de carpinteiro também (...). (PFT17)
 (63) Inquiridor: Diz que faz bem aos olhos.
 Informante: Ah, bem aos olhos faz *ele* tudo, (...) quando não haver pouca sorte. (PAL28)

Apesar de ocorrer em posição pós-verbal, o expletivo pode também aqui ser relacionado com uma posição na periferia esquerda da frase¹². A posição pós-verbal ocorre, por exemplo, em contextos de conjuntivo –veja-se o exemplo (61)–, nos quais o verbo sobe alegadamente acima da posição de sujeito – Rizzi 1982, Ambar 1988/1992, entre outros. Frases que envolvem um sujeito argumental, como (64), constituem evidência para a posição periférica do expletivo, também aqui à esquerda da posição de sujeito:

- (64) Tivesse *ele* a pastora trazido as ovelhas da serra, ...

A natureza periférica deste expletivo pode ainda ser comprovada em frases que, como os exemplos em (65), envolvam movimento para a esquerda de um constituinte afectivo (*muitas noites*, nestes exemplos) e um sujeito argumental visível:

- (65) a. Muitas noites passaram os pastores na serra!
 b. Muitas noites os pastores passaram na serra!

A posição variável do sujeito *os pastores* decorrerá nestes exemplos da existência ou não de subida do verbo para a periferia esquerda da frase (Raposo 2000), que revela ter consequências significativas quanto à possibilidade de ocorrência do expletivo pós-verbal:

- (66) a. Muitas noites passaram *ele* os pastores na serra!
 b. *Muitas noites os pastores passaram *ele* na serra!

- (67) *Muitas noites passaram os pastores *ele* na serra!

Na verdade, neste tipo de exemplos, o expletivo pós-verbal: (i) só pode ocorrer quando existe movimento do verbo para a periferia da frase –exemplo (66a) em contraste com (66b)–; (ii) ocupa uma posição que necessariamente precede a posição de sujeito –veja-se a agramaticalidade de (67)¹³.

Ainda que periférica, a posição de *ele* pós-verbal não é no entanto tão alta quanto aquela que o expletivo ocupa no conjunto de contextos anteriormente considerados. Note-se que constituintes com propriedades de tópico, como *bem aos olhos* no exemplo (63) acima, ocorrem à esquerda do expletivo quando este aparece em posição pós-verbal.

O exemplo (68) ilustra, além disso, a co-ocorrência de duas instâncias de *ele* expletivo, correspondendo aos dois tipos de *ele* periférico (mais alto e mais baixo) identificados:

¹² Nesta secção serão considerados, além dos dados fornecidos pelo corpus, não completamente esclarecedores quanto à caracterização deste tipo de distribuição do expletivo, também alguns dados dialectais recolhidos naturalisticamente junto de falantes naturais do distrito de Portalegre ou ainda dados de introspecção de falantes desta zona com graus de instrução variados (médio e superior).

¹³ Para evidência adicional em favor da posição periférica do expletivo pós-verbal, veja-se Carrilho (2005: 186-193).

(68) *Ele* aqui debaixo tenho *ele* assim umas pias para os pequeninos, para lá comerem. (OUT33)

Em Carrilho (2005), defende-se a coexistência de dois tipos de expletivo *ele*, contrastantes em relação à distribuição sintáctica como em relação a outras características que, por falta de espaço, não são aqui exploradas: o expletivo pós-verbal, que ocupa uma posição relativamente *baixa* na periferia esquerda da frase, está limitado a contextos matriz, apresenta propriedades de clítico e não pode ser substituído por um demonstrativo neutro (*isto, isso, aquilo*), enquanto o expletivo mais conhecido (e mais frequente no corpus analisado), que surge numa posição periférica *alta*, pode ocorrer em determinados contextos subordinados, não manifesta propriedades de clítico –ocorrendo até isoladamente–, e pode em regra comutar com um demonstrativo neutro.

2.3. Efeitos discursivos em construções com o expletivo

Um aspecto muitas vezes negligenciado, quando se trata de mencionar o uso do expletivo *ele* em PE, é o efeito que este elemento produz nos enunciados em que surge. É verdade que, como os sujeitos expletivos, *ele* aparece desprovido de conteúdo argumental e, como tal, não contribui para o conteúdo proposicional de uma frase, como já referido acima, em 1.3. No entanto, é também verdade que os exemplos que incluem o expletivo não podem ser considerados como estritamente equivalentes às frases sem expletivo que lhes correspondem. Referiu-se acima que, em usos admitidos em PE padrão, o expletivo parece responsável pela intensificação do valor expressivo das construções em que ocorre (sobretudo frases exclamativas ou enumerações enfáticas). A distribuição sintáctica do expletivo *ele* no CORDIAL-SIN revela uma maior diversidade de contextos e de construções em variedades populares de PE. Com base nos dados do corpus considerado, acompanhados, quando necessário, de outros dados naturalísticos ou de dados introspectivos, serão considerados em seguida os efeitos discursivos associados ao uso do expletivo *ele* nos dados dialectais de PE.

Em primeiro lugar, convém notar que também no CORDIAL-SIN o expletivo surge associado a frases exclamativas, manifestando o já mencionado efeito intensificador de um valor expressivo:

(69) *Ele* ele disse que era (...) de São João da Madeira, homem!¹⁴ (Cov21)

(70) *Ele* nunca me olhava a nada, nunca tinha medo nenhum! (ALV25)

(71) Inquiridor: Vão no mesmo baile aqui?

Informante: [...] *Ele* era velhas e tudo! (OUT43)

Mas o expletivo ocorre também em muitas frases não exclamativas, entre as quais predominam os contextos declarativos. Nestes, o expletivo revela um efeito próximo daquele que é produzido por certas expressões discursivamente enfáticas ou reforçativas, como *é verdade que, de facto, realmente*.

(72) É a estrela-da-manhã (...) e há a estrela... Bom, *ele* há várias estrelas, não é? (AAL92)

(73) Porque isto (...) é assim; esta questão (...) de chá, de doenças, disto e daquilo, de muita coisa – *ele* (...) há cura para tudo. (PAL08)

(74) Mas, *ele* havia muita fome, naquele tempo. (VPA06)

Nestes exemplos declarativos, o efeito do expletivo actua ao nível do valor assertivo destas frases, que resulta assim reforçado. Este é, na verdade, um efeito compatível com uma análise de frases do tipo de *ele há várias estrelas* como *ele (é certo que) há várias estrelas*, já sugerida em Álvarez Blanco (2001) e Uriagereka (2004). Temos assim, em contextos declarati-

¹⁴ Note-se que a segunda instância de *ele* (não marcado com itálico no exemplo, porque não expletivo) realiza de forma visível o sujeito argumental de *disse*.

vos, o expletivo *ele* como uma espécie de marcador de evidencialidade (Uriagereka 2004): o reforço do valor assertivo pode ser tomado como indicador do (alto) grau de compromisso que o locutor assume em relação à verdade do que diz.

O mesmo tipo de reforço manifesta-se também em respostas enfáticas (confirmativas ou não), como no exemplo (54), aqui repetido como (75), ou em (76):

- (75) Inquiridor: Mas lá para cima para onde? Para Montes de Alvor?
 Informante: *Ele* não. Da parte (...) da praça que chamam a praça de Alvor [...] (ALV01)
- (76) - Mas ela anda a estudar?
 - *Ele* anda! [produzido por falante de Portalegre, c. 60 anos, instrução média - 2008]

No CORDIAL-SIN, o expletivo surge ainda em imperativas e numa frase interrogativa. Em relação à frase interrogativa, é de notar que não se trata de uma interrogativa neutra, mas de uma pergunta retórica (exemplo (50), repetido a seguir):

- (77) Não sendo no Natal, (*ele*) quem é que os come?! Ninguém. (OUT50)

Apesar da escassez de dados relevantes encontrados no CORDIAL-SIN, outras fontes empíricas parecem corroborar a ideia de que o expletivo pode ocorrer em interrogativas *especiais*¹⁵ mas não em interrogativas que correspondem a verdadeiros pedidos de informação¹⁶:

- (78) - Posso entrar? [cliente, à porta de taberna]
 - Então *ele* não está a porta aberta? [resposta do dono da taberna; Redondo, 2008]

O expletivo ocorre aqui numa interrogativa que expressa surpresa, cuja resposta, tal como na interrogativa retórica, já é conhecida. Em interrogativas neutras, a presença do expletivo não parece ser tolerada – um exemplo como (79) seria, portanto, inaceitável numa situação de interrogatório.

- (79) [#]*Ele* qual é a sua data de nascimento?

Em interrogativas que podem admitir uma leitura dupla (especial/neutra), como (80), a presença do expletivo parece bloquear a interpretação de interrogativa neutra, antes fixando o valor *especial* (retórica, surpresa...), como ilustrado em (81):

- (80) - Quem é que quer comer os bolos? - Ninguém. / As crianças.
 (81) - *Ele* quem é que quer comer os bolos? - Ninguém. / [#]As crianças.

Assim, em frases interrogativas, o expletivo associa-se exclusivamente ao valor expressivo das interrogativas *especiais*, um valor pragmático que estas poderão partilhar com as exclamativas (veja-se Benincà 1995: 195 e Mateus et al. 2003: 481).

Finalmente, em frases imperativas, o expletivo surge também relacionado com a manifestação do valor ilocutório. O efeito parece ser um certo reforço do valor directivo associado à imperativa. Assim, *ele* expletivo combina facilmente com outros elementos que reforçam a força directiva de uma imperativa – exemplo (82) –, mas resulta inadequado em imperativas que incluem elementos mitigadores dessa força – exemplo (83):

- (82) *Ele* vamos (já, lá, mesmo) embora!

¹⁵ A designação, de Obenauer (2004, 2006), refere um conjunto de interrogativas que não são pedidos neutros de informação, como as perguntas retóricas ou certas interrogativas que expressam surpresa ou reprovação.

¹⁶ Este tipo de restrição parece compatível também com as observações de Álvarez Blanco (2001) e de Uriagereka (2004) quanto à distribuição do expletivo galego em interrogativas, que envolve sempre contextos de interrogativa *especial* e não perguntas neutras.

(83) **Ele* vamos embora [se não se importam, por favor]!

Os enunciados que incluem o expletivo pós-verbal revelam, também eles, efeitos específicos ao nível da força ilocutória, que parece ser nestes casos sempre de natureza expressiva avaliativa. O valor avaliativo compatível com a presença do expletivo pode decorrer da presença de outro elemento, por exemplo, um constituinte afectivo deslocado:

(84) Muitas noites passaram *ele* os pastores na serra!

Mas o valor expressivo/avaliativo pode, nos casos de *ele* pós-verbal, decorrer exclusivamente da presença do expletivo. Se contrastarmos um exemplo como (86) com a sua contrapartida não-expletiva –em (85)–, a diferença entre os dois parece residir precisamente na perda do valor assertivo associada à presença de *ele* em (86):

(85) Aqui debaixo tínhamos uma pia.

(86) Aqui debaixo tínhamos *ele* uma pia.

A ausência de valor assertivo pode ser confirmada pela impossibilidade de incluir, em frases do tipo de (86), uma interrogativa-*tag* (ao contrário do que acontece em frases assertivas, de acordo com Costa 2002):

(87) Aqui debaixo tínhamos *ele* uma pia, #não tínhamos?

(88) Aqui debaixo tínhamos uma pia, não tínhamos?

Em conclusão, os efeitos discursivos do expletivo *ele* manifestam-se ao nível da força ilocutória que os diferentes tipos de frase assumem em situação de comunicação.

3. O EXPLETIVO *ELE* EM PE: ENTRE SINTAXE E DISCURSO

A hipótese de que o expletivo *ele* não é simplesmente uma manifestação visível de um sujeito expletivo é assim significativamente apoiada quer pela distribuição sintáctica quer pelos efeitos discursivos encontrados em dados dialectais do PE.

A relação com efeitos ao nível discursivo não só consolida como vai também permitir precisar a ideia de que o expletivo *ele* ocupa um espaço periférico da estrutura frásica, na linha das sugestões de Uriagereka (1992, 1995)¹⁷. Com efeito, e ainda que se assuma que os aspectos discursivos não têm necessariamente de ser codificados em configurações sintácticas específicas, a porção de estrutura frásica designada por *periferia esquerda* é tipicamente um espaço de interface entre sintaxe e discurso. Construções marcadas por funções discursivas específicas, como a topicalização em (89), envolvem posições na periferia esquerda da estrutura frásica que codifica uma proposição, assinalada como SFlex no exemplo que se segue (sobre esta e outras construções de tópico marcado em PE, veja-se Mateus et al. 2003: 489-502):

(89) [Esse artigo, [_{SFlex} nós não lemos]]

O efeito discursivo do expletivo *ele* não se situa, no entanto, no domínio relacionado com a distribuição da informação na frase. Diferentemente do expletivo *sitã* em finlandês, que é correlacionável com os planos de distribuição de foco-pressuposição e tópico-comentário

¹⁷ Em alternativa à proposta apresentada em Carrilho (2005) e aqui resumida, que explora a relação do expletivo *ele* com uma periferia esquerda da estrutura frásica relativamente alargada, Uriagereka (2005), desenvolvendo propostas já enunciadas em Uriagereka (2004), propõe uma análise de ‘pseudo’-pseudo-clivagem que, no essencial, envolveria uma estrutura bi-oracional como em *ele (é (certo) que) não chove amanhã*, com (possível) omissão dos elementos entre parênteses.

(veja-se acima, secção 1.2.), *ele* expletivo tanto pode surgir em frases sem tópicos como pode ocorrer com tópicos marcados, como no exemplo (35), aqui retomado em (90):

(90) [*Ele* a fome [não havia]]! (VPA06)

O expletivo português manifesta efeitos discursivos relevantes ao nível da força ilocutória assumida por uma frase em situação de comunicação, caracterizando-se ou pela ênfase dos valores assertivo, expressivo ou directivo expresso por frases respectivamente declarativas, exclamativas ou imperativas, ou então pela fixação de um valor expressivo em frases interrogativas e, quando em posição pós-verbal, também em declarativas. Este nível discursivo, em relação com a força ilocutória, tem também sido tomado como um pólo de codificação sintáctica na periferia esquerda da frase, numa posição estrutural bastante alta, acima de tópicos e de outros elementos periféricos – entre outros, Rizzi (1997) e Benincà e Poletto (2004) integram *Força*, como projecção sintáctica autónoma, numa estrutura alargada da periferia esquerda da frase. Uma configuração da estrutura frásica assim concebida facilmente alberga um expletivo com as propriedades de *ele* na projecção de *Força*.

No plano da distribuição sintáctica, esta posição estrutural alta permite explicar o comportamento manifestado pelo expletivo mais periférico em relação a outros elementos da periferia esquerda da frase. A presença deste *ele* expletivo em determinados contextos subordinados (veja-se, por exemplo, a frase (44) acima) é compatível com uma tal análise, se se admitir que esta projecção de *Força* é diferente da projecção que acolhe os elementos de subordinação (*Sub*, segundo Haegeman 2002, na linha de Bhatt e Yoon 1992).

(91) Tu sabes bem [_{SSub} [_{Ssub} que] [_{SForça} *ele* [[em Paçô [[_{SFlex} eles viram para aquele lado]]]]]]]]

O expletivo pós-verbal, que revela propriedades e distribuição sintáctica diferentes, não parece compatível com tal análise estrutural. Apesar de a evidência fornecida pelo corpus não ser tão robusta relativamente a este expletivo, em Carrilho (2005) sugere-se que *ele* pós-verbal tem lugar como núcleo de uma projecção mais baixa da periferia esquerda, relevante para a codificação de valores ilocutórios expressivos/avaliativos (sintagma *Avaliativo*, segundo proposta de Ambar 1999).

No plano discursivo, os efeitos a nível da força ilocutória decorrem naturalmente da codificação do expletivo numa projecção sintáctica de *Força* ou numa projecção *Avaliativo*. Independentemente da posição que se assuma em relação ao modo como a sintaxe representa (ou não) os diferentes tipos de frase e a força ilocutória dos enunciados, a análise aqui esboçada diz respeito estritamente a frases enfáticas que incluem o expletivo. É em relação a este tipo de enunciado que se propõe que, no caso mais representado no corpus, a projecção de *Força* é materializada visivelmente pela presença do expletivo mais periférico. Sem depender do tipo de frase e da configuração sintáctica, o expletivo albergado pela projecção de *Força* tem o efeito de reforçar determinados valores ilocutórios permitidos pelas frases em que ocorre, bloqueando, por assim dizer, outros. Note-se, por exemplo, que a presença do expletivo numa frase declarativa como (92) bloqueia um valor ilocutório não assertivo (de pedido), que enunciados deste tipo podem normalmente assumir:

(92) **Ele* queríamos o jornal.

Pelo contrário, o valor assertivo de uma declarativa parece sempre enfatizado pelo expletivo mais periférico, tal como o valor directivo de uma imperativa ou o valor expressivo em exclamativas e em interrogativas *especiais*.

No caso de *ele* pós-verbal, a posição proposta (numa projecção relevante para um valor ilocutório expressivo-avaliativo) justificaria a associação estrita deste tipo de expletivo a um tipo específico de força ilocutória.

Concluindo, uma análise que assim relaciona as diversas manifestações do expletivo *ele* em variedades do PE com projecções sintáticas relevantes para a codificação de efeitos de força ilocutória abre novos caminhos para o entendimento do papel dos expletivos nas línguas naturais. No âmbito mais restrito das línguas de sujeito nulo, torna-se natural a aproximação entre a ocorrência do expletivo *ele* em PE e a manifestação de expletivos não-padrão noutras línguas românicas, domínio empírico ao qual, desejavelmente, a presente proposta de análise deverá estender-se. Internamente às variedades de PE, é possível estabelecer uma relação entre as diferentes manifestações do expletivo *ele*. Mais precisamente, os efeitos discursivos e a caracterização sintática deste expletivo em variedades populares rurais (regionalmente distribuídas) de PE podem assim ser associados ao uso residual de *ele* expletivo em variedades próximas do padrão: neste caso, um uso lexicalmente circunscrito a um par de predicados impessoais (*haver* e *ser*) e estritamente associado a enunciados de natureza expressiva.

Agradecimentos

O trabalho apresentado foi parcialmente apoiado por The Research Council of Norway. A Ana Maria Martins e Knut Tarald Taraldsen agradeço a discussão de muitas das questões que conduziram ao trabalho aqui resumido. O presente texto beneficiou ainda das observações e sugestões de dois revisores anónimos, a quem também expresseo o meu agradecimento. Todos os erros e lacunas são naturalmente da minha exclusiva responsabilidade.

REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Alcover, Antoni Maria / Francesc de Borja Moll (1951): *Diccionari Català-Valencià-Balear*. Vol. IV. Palma de Maiorca: Miramar.
- Álvarez Blanco, Rosario (2001): “*El Vai Ben Así: Perivivencia e Construccions de el Invariable*”, *Cadernos de Lingua* 23, 5-33.
- Álvarez Blanco, Rosario (2002): “*El Foy a Primeira Vez: Testemuños Antigos de el Invariable*”, em Ramón Lorenzo (coord.), *Homenaxe a Fernando R. Tato Plaza*. Santiago de Compostela: Universidade de Santiago de Compostela, 23-36.
- Ambar, Manuela (1988/1992): *Para uma Sintaxe da Inversão Sujeito-Verbo em Português*. Universidade de Lisboa. Tese de doutoramento, 1988. Lisboa: Colibri, 1992.
- Ambar, Manuela (1999): “Aspects of the Syntax of Focus in Portuguese”, em Georges Rebuschi / Laurice Tuller (eds.), *The Grammar of Focus*. Amsterdão / Filadélfia: John Benjamins, 23-53.
- Baptista, António Alçada (1985): *Os Nós e os Laços*. Lisboa: Editorial Presença.
- Benincà, Paola (1995): “*Il Tipo Esclamativo*”, em Lorenzo Renzi / Giampaolo Salvi / Anna Cardinaletti (orgs.) *Grande Grammatica Italiana di Consultazione*. Vol. III. *Tipi di Frase, Deissi, Formazione delle Parole*. Bolonha: Il Mulino, 127-152.
- Benincà, Paola / Cecilia Poletto (2004): “Topic, Focus and V2: Defining the CP Sublayers”, em Luigi Rizzi (ed.), *The Structure of CP and IP. The Cartography of Syntactic Structures. Vol II*. Oxford: Oxford University Press, 52-75.
- Bhatt, Rakesh / James Yoon (1992): “On the Composition of COMP and Parameters of V2”, em D. Bates (ed.) *Proceedings of West Coast Conference on Formal Linguistics* 10, 41-52.
- Burzio, Luigi (1986): *Italian Syntax. A Government-Binding Approach*. Dordrecht: Kluwer.
- Carrilho, Ernestina (2005): *Expletive ele in European Portuguese Dialects*. Universidade de Lisboa. Tese de Doutoramento inédita. (<http://www.clul.ul.pt/equipa/ecarrilho/Carrilho2005.pdf>)
- Carrilho, Ernestina / Maria Lobo (1999): “*Varição Sintática: Alguns Aspectos*”, comunicação em *Conversas d’Hora d’Almoço*. Centro de Linguística da Universidade de Lisboa.
- Cesariny, Mário (1991): *Nobilíssima Visão*. Lisboa: Assírio e Alvim.
- Chomsky, Noam (1981): *Lectures on Government and Binding. The Pisa Lectures*. Dordrecht: Foris.
- Costa, João (2002): “*Multiple Focus in European Portuguese: Apparent Optionality and Subject Posi-*

- tions”, em Claire Beyssade / Reineke Bok-Benema / Frank Drijkoningen / Paola Monachesi (eds.), *Romance Languages and Linguistic Theory 2000*. Amsterdão: John Benjamins, 93-108.
- Cunha, Celso / Luís F. Lindley Cintra (1984): *Nova Gramática do Português Contemporâneo*. Lisboa: João Sá da Costa.
- Dias, A. Epifânio da Silva (1918 / 1933²): *Syntaxe Histórica Portuguesa*. Lisboa: Livraria Clássica Editora.
- Duarte, Inês / Gabriela Matos (1984): “Clíticos e Sujeito Nulo no Português: Contribuições para uma Teoria de *pro*”, *Boletim de Filologia* 29, 479-537.
- Gilligan, Gary Martin (1987): *A Cross-linguistic Approach to the Pro-Drop Parameter*. Tese de Doutoramento. Los Angeles: University of South California.
- Haegeman, Liliane (2002): “Anchoring to Speaker, Adverbial Clauses and the Structure of CP”, em Simon Mauck / Jenny Mittelstaedt (eds.), *Georgetown University Working Papers in Theoretical Linguistics* 2, 117-180.
- Henríquez Ureña, Pedro (1939): “Ello”, *Revista de Filología Hispánica* 1: 3, 209-229.
- Hinzelin, Marc-Olivier / Georg A. Kaiser (2007): “El Pronombre «ello» en el Léxico del Español Dominicano”, em Wiltrud Mihatsch / Monica Sokol (eds.), *Language contact and language change in the Caribbean and beyond / Lenguas en contacto y cambio lingüístico en el Caribe y más allá*. Frankfurt: Petr Lang, 171-188.
- Holmberg, Anders / Urpo Nikanne (2002): “Expletives, Subjects, and Topics in Finnish”, em Peter Svenonius (ed.), *Subjects, Expletives, and the EPP*. Oxford: Oxford University Press, 71-105.
- Kaiser, Georg A. (2006): “Pronombres Sujeto en Construcciones Impersonales de Lenguas Iberorrománicas”, em Beatriz Fernández e Itziar Laka (eds.), *Andolin gogoan. Essays in Honour of Professor Eguzkitza*. Vitoria-Gasteiz: Universidad del País Vasco / Euskal Herriko Unibertsitatea, 513-530.
- Kiss, Katalin É. (1995): “Introduction”, em Katalin É. Kiss (ed.), *Discourse configurational languages*. Nova Iorque e Oxford: Oxford University Press, 3-27.
- Li, Charles / Sandra A. Thompson (1976): “Subject and Topic: a New Typology of Language”, em Charles Li (ed.), *Subject and Topic*. Londres e Nova Iorque: Academic Press, 457-489.
- Mateus, Maria Helena Mira / Ana Maria Brito / Inês Duarte / Isabel Hub Faria e Sónia Frota / Gabriela Matos / Fátima Oliveira / Marina Vigário / Alina Villalva (2003): *Gramática da Língua Portuguesa*. Lisboa: Caminho.
- Obenauer, Hans-Georg (2004): “Nonstandard Wh-Questions and Alternative Checkers in Pagotto”, em Horst Lohnstein / Susan Trissler (eds.), *Syntax and Semantics of the Left Periphery, Interface Explorations* 9. Berlim e Nova Iorque: Mouton de Gruyter, 343-384.
- Obenauer, Hans-Georg (2006): “Special Interrogatives – Left Periphery, Wh-Doubling, and (Apparently) Optional Elements”, em Jenny Doetjes / Paz González (eds.), *Romance Languages and Linguistic Theory 2004. Selected papers from ‘Going Romance’, Leiden, 9-11 December 2004*. Amsterdão: John Benjamins, 247-273.
- Perlmutter, David (1983): “Personal vs. Impersonal Constructions”, *Natural Language and Linguistic Theory* 1.1, 141-200.
- Platzack, Christer (1996): “Null Subjects, Weak AGR and Syntactic Differences in Scandinavian”, em Hoskaldur Thráinsson / Samuel Epstein / Steve Peter (eds.), *Studies in Comparative Germanic Syntax II*. Dordrecht: Kluwer, 180-196.
- Platzack, Christer (1998): “A Visibility Condition for the C-Domain”, *Working Papers in Scandinavian Syntax* 61, 53-99.
- Raposo, Eduardo Paiva (1992): *Teoria da Gramática. A Faculdade da Linguagem*. Lisboa: Caminho.
- Raposo, Eduardo Paiva (1995): “Próclise, Ênclise e a Posição do Verbo em Português Europeu”, em João Camilo dos Santos / Frederick G. Williams (eds.), *O Amor das Letras e das Gentes. In Honor of Maria de Lourdes Belchior Pontes*. Santa Barbara: Center for Portuguese Studies, University of California at Santa Barbara, 455-481.
- Raposo, Eduardo Paiva (2000): “Clitic Positions and Verb Movement”, em João Costa (ed.), *Portuguese Syntax. New Comparative Studies*. Oxford: Oxford University Press, 266-297.
- Rizzi, Luigi (1982): *Issues in Italian Syntax*. Dordrecht: Foris.
- Rizzi, Luigi (1997): “The Fine Structure of the Left Periphery”, em Liliane Haegeman (ed.), *Elements of Grammar. Handbook in Generative Syntax*. Dordrecht: Kluwer, 281-337.
- Said Ali, Manuel (1927⁹): *Gramática Secundária da Língua Portuguesa*. São Paulo: Companhia Melhoramentos de S. Paulo.

- Silva-Villar, Luis (1998): "Subject Positions and the Roles of CP", em A. Schwegler / B. Tranel / M. Uribe-Etxebarria (eds.), *Romance Linguistics. Theoretical Perspectives*. Amsterdão e Filadélfia: John Benjamins, 247-270.
- Solà, Joan / Maria-Rosa Lloret / Joan Mascarò / Manuel Pérez Saldanya (dir.) (2002): *Gramàtica del Català Contemporani*. Barcelona: Empúries.
- Taraldsen, Knut Tarald (2002): "The *que/qui* Alternation and the Distribution of Expletives", em Peter Svenonius (ed.), *Subjects, Expletives and the EPP*. Oxford: Oxford University Press, 29-42.
- Uriagereka, Juan (1992): "A Focus Position in Western Romance", comunicação apresentada no GLOW 15. Universidade de Lisboa.
- Uriagereka, Juan (1995): "An F Position in Western Romance", em Katalin É. Kiss (ed.), *Discourse Configurational Languages*. Oxford: Oxford University Press, 153-175.
- Uriagereka, Juan (2004): "A Peripheral Pleonastic in Western Iberian", comunicação apresentada no *Workshop on Expletive Subjects in Romance and Germanic Languages*. Universidade de Konstanz.
- Uriagereka, Juan (2005): "Iberian Pleonasm", texto de conferência proferida no 9th *Hispanic Linguistic Symposium*. Universidade de Pennsylvania State.
- Vasconcellos, José Leite de (1901 / 1987³): *Esquisse d'une Dialectologie Portugaise*. Lisboa: Centro de Linguística da Universidade de Lisboa/Instituto Nacional de Investigação Científica.
- Vasconcellos, José Leite de (1928): *Opúsculos*. Coimbra: Universidade de Coimbra.
- Veny, Joan (1999): *Aproximació al Dialecte Eivissenc*. Palma de Maiorca: Moll.
- Vilela, Mário (1995): *Gramática da Língua Portuguesa: Gramática da Palavra, Gramática da Frase, Gramática de Texto*. Coimbra: Almedina.

A investigação aqui apresentada incide sobre dados do Corpus Dialectal para o Estudo da Sintaxe (CORDIAL-SIN), em desenvolvimento no Centro de Linguística da Universidade de Lisboa e financiado pela Fundação para a Ciência e a Tecnologia (FCT) através dos projectos PRAXIS XXI/P/PLP/13046/1998, Posi/PLP/33275/1999, Pocti/LIN/46980/2002 e PTDC/LIN/71559/2006.